

INCLUSÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NA ESCOLA

Luiz Seabra
COTUCA

*(...) E já agora, professor, dou uma dica:
Toma o meu corpo como uma parábola de mim próprio
O meu corpo é ao mesmo tempo ínfimo e enorme.
Eu tenho tudo, mas à minha dimensão.
Posso viver tudo, sentir tudo, entender tudo.
Mas à minha dimensão.
Professor, eu queria que o meu corpo te falasse de mim.
Dos meus limites e fracassos.
Mas também da minha complexidade e grandeza.
Eu queria que o teu corpo fosse uma bússola para o meu
Que te oferecesses – sem impor – como um modelo.
Que me mostrasses o que pensas, o que gostas e o que sentes.
(E também o que sabes, pois claro!).
Eu sei que o meu corpo fala mesmo quando estou calado
Só precisava mesmo era de quem o escutasse...
De que me escutasse
Com a delicadeza de um convidado.
Com a cumplicidade de um íntimo.
Mas com a surpresa de um descobridor.
(Autor desconhecido)*

A Educação Física Escolar acompanhou o percurso de construção do conceito de educação inclusiva, refletindo acerca do atendimento ao educando com necessidades educativas especiais. Entretanto, em geral, esta parcela de alunos tem sido pouco favorecida no exercício e desenvolvimento de suas potencialidades e individualidades nas aulas de Educação Física, resultando em uma prática que ainda não contempla, ou melhor, não acolhe as diferenças.

A tendência pelas práticas corporais que supervalorizam o desempenho físico e esportivo, destacando e ampliando as diferenças de habilidades e competências, vem reforçando o desinteresse e o afastamento dos alunos “menos expressivos” e “menos habilidosos”, levando-os a solicitar a permissão do professor para deixar a aula, desmotivados pela falta de oportunidades e possibilidades de sucesso ou por comportamentos excludentes por parte de seus pares (autoexclusão e exclusão)

Embora a literatura aponte diferentes termos (pessoa com deficiência, pessoa em condição de deficiência, pessoa com necessidades especiais, entre outros) para se referir às pessoas com alguma anormalidade ou diferenciação, optamos no decorrer deste texto pela utilização do termo *Pessoa com Necessidades Educativas Especiais (PNEE)*, por entendermos que ele representa melhor a temática aqui proposta – Inclusão e Educação Física, e sobretudo por estarmos inseridos no ambiente escolar (processo educativo/educação escolarizada).

O termo Necessidades Educativas Especiais, a partir da Declaração de Salamanca em 1994, engloba em seu conceito além das deficiências, as dificuldades de aprendizagem e a sobredotação, bem como as crianças que trabalham, as crianças de rua, as que pertencem a populações de risco, a minorias étnicas ou culturais, e a grupos desfavorecidos ou marginais.

No presente texto, vamos nos referir a pessoa com necessidades educativas especiais como sendo aquela que apresenta condição decorrente de qualquer desvantagem ou limitação temporária ou permanente, aparente ou não, causada pela diferença entre seu desempenho, suas expectativas e as do grupo a que pertence, considerando inclusive o ambiente escolar.

Quanto ao termo “adaptada”, vamos recorrer a Araújo (1999). O autor entende que as atividades, os materiais, a metodologia, entre outros aspectos, têm que ser adaptados porque a pessoa tem menos possibilidades de adaptação. Ainda segundo Araújo (1999) o termo “adaptação” se refere à busca de adequações e meios para se executar uma tarefa diante da ausência ou impossibilidade de se usarem os meios convencionais.

A partir das ideias de Sasaki (1997), entendemos que inclusão é o processo pelo qual a escola se adapta com a finalidade de incluir, em seu sistema, pessoas com necessidades educativas especiais e, simultaneamente, estas se prepararem para assumir seus papéis na sociedade. Já para Rodrigues (2006), o conceito de Inclusão, no âmbito escolar, implica, antes de

tudo, rejeitar, por princípio, a exclusão de qualquer aluno. Rodrigues ressalta, ainda, a necessidade e a capacidade desta pessoa de pertencer ou de se relacionar com uma comunidade.

O conceito de Inclusão é complexo e abrangente, como se pode constatar pela multiplicidade de definições produzidas pelos documentos mundiais. Recentemente, foi editado pela UNESCO (2008) um importante documento que coloca o conceito de Inclusão alicerçado em quatro referenciais:

- * 1. A Inclusão é um processo.
- * 2. A Inclusão diz respeito à identificação e remoção de barreiras (de aprendizagem e físicas).
- * 3. A Inclusão refere-se à presença, participação e ao sucesso de todos.
- * 4. A Inclusão centra-se nas pessoas em risco de marginalização, exclusão ou insucesso.

Em linhas gerais, pela perspectiva da inclusão, escola e comunidade escolar (alunos PNEE ou não) devem buscar, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades.

De acordo com Bueno e Resa (1995), e Duarte e Werner (1995), a Educação Física Adaptada é uma área da Educação Física para pessoas com necessidades especiais. Os autores afirmam que a EFA não se diferencia da Educação Física Escolar em seus conteúdos, mas compreende técnicas, métodos e formas de organização que podem ser aplicados a esta população. É um processo de atuação docente com planejamento, visando atender às necessidades de seus educandos.

Um programa de Educação Física quando adaptado ao aluno, seja ele portador de necessidades especiais ou não, possibilita ao mesmo a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-o na construção de sua identidade, autoestima e autoimagem, atribuindo-lhe sentimento de pertença.

IMPLICAÇÕES DA INCLUSÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E A PESSOA COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Mostra-se necessário considerar que a participação efetiva e a ação do professor parecem influenciar diretamente na função pedagógica que a Educação Física deve assumir na escola. Em outras palavras, a forma de o professor conceber a Educação Física na escola,

mediada pelo seu envolvimento com a aula e sua disponibilidade/acessibilidade para com o aluno, pode contribuir, de certa forma, para o engajamento ou distanciamento dos alunos nas atividades, sejam eles PNEEs ou não.

Ainda no que se refere à problemática da inclusão, considerando a importância do movimento nos processos de crescimento e desenvolvimento da criança e do jovem, podemos pressupor que ficar à margem das aulas, principalmente nas séries iniciais, implicaria em restrição de movimentos. A negligência para com o movimento, ao longo do tempo, pode resultar em defasagens de aprendizagem, muitas vezes expressas no aproveitamento escolar. Não é raro encontrarmos professores falando sobre dificuldades de alunos em fixar a atenção, organizar o espaço, selecionar objetos, leituras, escritas, ritmos, entre outras dificuldades de ordem afetiva e social.

Esse quadro vem remetendo-nos a algumas questões quanto à relação inclusão (uma escola para todos) e prática pedagógica (favorecer oportunidades, orientar e estimular a participação do aluno):

- ★ Quais são os princípios que devem nortear o “fazer do professor/prática pedagógica” nas aulas de educação física escolar.
- ★ Que ações podem/devem ser implantadas para atender adequadamente a todos aqueles que chegam às aulas de Educação Física?

CONHECER PARA INTERVIR

Na perspectiva de responder às questões levantadas acima, especificamente em relação ao aluno com necessidades especiais, é importante que o professor tenha os conhecimentos básicos relativos a estas possíveis necessidades, como por exemplo: tipo de deficiência; idade em que apareceu a deficiência; se esta é congênita ou adquirida, repentina ou gradativa, se é transitória ou permanente; as funções e estruturas que estão afetadas; entre outras. Estas informações podem ser obtidas diretamente com o aluno ou junto à família ou, se for o caso, junto à equipe multidisciplinar. Sempre que possível, o professor deve dirigir-se ao aluno para obter as informações que julgar necessárias. Este já é o primeiro passo para o acolhimento.

Segundo Cidade e Freitas (2002), conhecendo o aluno, o professor poderá adequar sua metodologia, levando em consideração:

- ★ Em que grupo de alunos haverá maior facilidade para a aprendizagem e o desenvolvimento de todos.
- ★ Por quanto tempo o aluno pode permanecer atento às tarefas solicitadas, para que possa adequar suas atividades às possibilidades de realização.

- * Adaptação de material e sua organização na aula: tempo disponível, variação de espaços e de recursos materiais.
- * Adaptação no programa: planejamento, atividades e avaliação.
- * Aplicar uma metodologia adequada à compreensão dos alunos, usando estratégias e recursos que despertem neles o interesse e a motivação, através de exemplos concretos, incentivando a expressão e criatividade.
- * Adequar os objetivos e os conteúdos quando forem necessários, em função das necessidades educativas, dar prioridade a conteúdos e objetivos próprios, definindo mínimos e introduzindo novos quando for preciso.

De maneira geral, o profissional de Educação Física consegue responder e estabelecer relações de conhecimento sobre *o que ensinar*; entretanto, ainda encontra algumas dificuldades em responder e estabelecer relações sobre *“quem aprende”* e sobre *“como aprende”*. Quando falamos em *quem aprende* e *como aprende*, estamos considerando, também, que estes aspectos envolvem um processo de aquisição, construção e transmissão de conhecimento. É fundamental que o profissional de Educação Física busque estabelecer uma interação entre ele, professor, o aluno e o ambiente, na perspectiva de uma prática pedagógica no sentido de promover a efetiva participação de todos nas aulas (inclusão).

No que se refere às demandas da PNEE e à interação professor-aluno-ambiente, acreditamos que o professor deve ser capaz de organizar um ambiente de aprendizagem no sentido de acolher, valorizar e favorecer a possibilidade de sucesso do aluno. Caso contrário, o risco é o de se deslocar o foco de atenção das potencialidades para as deficiências.

De acordo com Cruz, Pimentel e Basso (2002), para se criar um ambiente no qual as necessidades dos alunos venham a ser atendidas, é importante que, a partir das características peculiares dos alunos – inclusive os que apresentam deficiência –, o professor seja, por princípio, acessível e esteja devidamente preparado.

Ainda em relação à prática, os alunos com necessidades educativas especiais podem participar de atividades dentro de um programa de Educação Física regular, com algumas adaptações e cuidados, quando necessário. Nesta diversificação de práticas corporais, também está prevista a inclusão do esporte como um dos conteúdos de auxílio no aprimoramento da personalidade de pessoas com necessidades educativas especiais (BUENO; RESA, 1995).

Como forma de minimizar possíveis barreiras para a aprendizagem que os alunos com necessidades educativas especiais possam apresentar em relação a alguns conteúdos da Educação Física, adaptamos algumas ideias de Cidade e Freitas (2002) que destacamos:

- * A realização de atividades com crianças, principalmente aquelas que envolvem jogos, devem ter um caráter lúdico e favorecer situações onde a criança aprenda a lidar com seus fracassos e seus êxitos, bem como solucionar problemas motores.
- * Na aprendizagem de situações de jogos e brincadeiras, em que o objetivo é que o aluno tenha ideia geral da atividade ou do movimento de forma global é conveniente a utilização do método global-funcional.
- * Utilização, se necessário, da propriocepção na aprendizagem de um movimento ou habilidade específica. Neste caso, a aprendizagem pode ser facilitada pela percepção cinestésica. O aluno pode vivenciar, visualizar, apontar no outro, observar e comparar os seus movimentos com o do colega.
- * Capacidade linguística – é importante que o professor conheça a capacidade linguística de seus alunos. As formas de instrução (verbal e/ou demonstração) podem influenciar no processo ensino-aprendizagem. Por exemplo, no caso dos portadores de deficiência mental o tipo de instrução verbal poderá, em inúmeras situações, ser descartado em decorrência das dificuldades de compreensão da mensagem. Devem ser evitadas explicações longas ou muito detalhadas.
- * Ajuda prestada: o professor pode e deve prestar ajuda ao aluno que dela necessite na execução de uma atividade ou movimento específico. Em alguns casos, a ajuda manual ou mecânica poderá ser necessária para os portadores de necessidades especiais mais comprometidos ou à medida que aumente a complexidade da atividade ou do movimento.
- * O professor precisa assegurar-se de que o aluno compreendeu a tarefa.

Como podemos observar, a preocupação central da EFA está em uma Educação Física que possa atender a todos, observadas as suas necessidades e potencialidades, o que também é foco da Educação Física Escolar. Não vemos diferenças significativas entre a EFA e a EFE nos seus respectivos procedimentos e objetivos.

Ambas, em seu discurso, buscam meios para propiciar ao aluno, com necessidades especiais ou não, conhecer suas possibilidades, avançar seus limites no sentido de inseri-los na cultura corporal de movimento (jogos, ginástica, dança, esporte, lutas, entre outros), em suas diferentes dimensões.

É a partir da assunção de que o processo de ensino em aulas de Educação Física diz respeito à construção de um ambiente que proporcione ao aluno práticas corporais significativas,

capaz de corroborar com o processo pedagógico da escola, que devemos considerar a possibilidade de intervirmos na realidade de alunos com necessidades educacionais especiais.

Em virtude deste contexto que envolve a EFE, a EFA e o princípio da inclusão, entendemos que o professor, segundo (SEABRA JR., 2006), precisa assumir uma prática pedagógica no sentido de:

- * favorecer o desenvolvimento, adaptando atividades quando necessário, dando oportunidades iguais de participação a todos os alunos (alteridade, equifinalidade e igualitarismo);
- * estimular o desenvolvimento, motivando a participação, apresentando-se disponível e acessível aos alunos (acessibilidade e acolhimento). O estímulo se constitui em fator motivacional para a o engajamento do aluno nas atividades;
- * orientar o desenvolvimento, oferecendo instrução adequada, dicas e *feedbacks* necessários, antes, durante e/ou após as aulas (rodas de conversa).

Frente à diversidade, não podemos mais pensar em uma única forma de Educação Física na escola, mas em uma Educação Física que esteja atenta às diferenças, identificando-as, reconhecendo-as e contemplando-as, no sentido de atendê-las, e não evidenciá-las. Não é possível dizer que há um método ideal da Educação Física que se aplique no processo de Inclusão. O professor sabe e pode combinar diversos procedimentos para remover barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos. A escola é povoada pelas diferenças que necessitam ser contextualizadas e trabalhadas pelos professores e professoras. Lidar com a diferença, sem transformá-la em desigualdade, é o grande desafio. A diferença não se confunde com a desigualdade.

REFERÊNCIAS



ARAÚJO, P. F. **A educação física para pessoas portadoras de deficiências nas instituições especializadas de Campinas.** Campinas: Unicamp, 1999.

BUENO, S. T.; RESA, J. A. Z. **Educación Física para niños y niñas con necesidades educativas especiales.** Málaga: Aljibe, 1995.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. Educação física e inclusão: considerações para prática pedagógica na escola. SEED/MEC. **Revista Integração.** Edição especial, p. 26-30, 2002.

CRUZ, G. C.; PIMENTEL, E. S.; BASSO, L. A formação profissional do professor de Educação Física diante das necessidades educacionais especiais de pessoas portadoras de paralisia cerebral: SEED/MEC. **Revista Integração.** Edição especial, p. 39-41, 2002.

DUARTE, E.; WERNER, T. Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências. In: DUARTE, E.; WERNER, T. **Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiências**: educação a distância. Rio de Janeiro: ABTa, 1995. v. 3.

RODRIGUES, D. (Org.). **Inclusão e Educação**: doze olhares sobre a Educação Inclusiva. São Paulo: Summus Editorial, (2006).

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SEABRA JR.; L. **Inclusão, necessidades especiais e educação física**: considerações sobre a ação pedagógica no ambiente escolar, 2006. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação Física, Unicamp, 2006.